Editorial: Geografia e Marxismo

Muitos acharão audaciosos nossos objetivos.
Nós também achamos
e apenas a nossa crença na colaboração dos agebeanos nos fez persistir.

Myrna T. Rego Viana no Editorial do BPG Número 51 de 1976.

A iniciativa de propor uma reunião de textos sobre Geografia e Marxismo depara-se, inicialmente, com duas complexidades: a geografia e o marxismo. Quaisquer que sejam as concepções que carregam, ao que parece, o século XXI teria anunciado a superfluidade de ambos. No caso do marxismo, é compreensível que aqueles que administram a barbárie do capitalismo prefiram dá-lo por superado. No que tange à Geografia, interessa fazer desaparecer justamente aquela parcela de sua produção que se coloca em perspectiva antagônica ao capital e procura compreender criticamente as relações sociais que o sustentam.

É por essa Geografia, marxista e comprometida com a superação do capitalismo, que propusemos este dossiê.

A aproximação entre geografia e marxismo tem uma história. Na geografia brasileira, particularmente a partir dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980, o movimento de renovação crítica encontrou no pensamento marxista o seu principal fundamento teórico e político. Naquele contexto, a assim chamada Geografia Crítica e o marxismo pareciam ser quase indissociáveis. Em consequência, a incorporação da crítica ao capitalismo transformou, além dos referenciais teóricos da disciplina, as práticas, as formas de organização e os horizontes políticos na e a partir da geografia. A própria AGB e o BPG foram profundamente atravessados por esse processo.

Entretanto, essa aproximação não permaneceu incólume. A partir dos anos 1990, parte significativa dos heróis da renovação crítica e seus epígonos passaram a percorrer caminhos que, em diferentes medidas, se distanciaram do marxismo. Uma parcela se aproximou progressivamente do pragmatismo e do utilitarismo do planejamento territorial, subordinando o conhecimento geográfico às demandas da tecnocracia. Outra encontrou no pensamento pós-moderno os caminhos para abandonar as categorias do marxismo, frequentemente em nome da recusa às totalizações, às determinações estruturais e à própria possibilidade de compreender a sociedade como uma totalidade concreta e contraditória. Esse cenário soma-se ao avanço do produtivismo acadêmico, que impõe à pesquisa uma temporalidade cada vez mais acelerada e irrefletida. O tempo necessário à investigação, à leitura, à elaboração conceitual e ao

amadurecimento teórico tende a ser tratado como supérfluo. Não é ao acaso, portanto, que a geografia marxista encontra dificuldades.

Em suma, parece-nos que o marxismo é cada vez mais alvo, não apenas daqueles que sempre o combateram, mas também de parte dos herdeiros da própria Geografia Crítica. O problema maior é que o atual contexto histórico por trás do esvaziamento marxista da "geografia" é também momento do aprofundamento da crise do capital, que promove o asselvajamento da concorrência, do patriarcado, das violências raciais e de gênero, bem como da destruição da natureza. Diante desses processos, as categorias marxistas evidentemente não explicam tudo, mas, sem elas, não é possível explicar nada. Ou seja, quanto mais atacado, mais urgente e necessário se torna o marxismo para a geografia.

É nesse contexto que propomos o dossiê. Estamos orgulhosos de reunir, nesta coletânea, contribuições de diferentes gerações, desde pessoas que estão iniciando suas trajetórias na geografia até nomes já consagrados na geografia marxista. Conseguimos, ainda, contemplar diferentes abordagens do marxismo no pensamento geográfico.

Por fim, cabe ressaltar que este dossiê foi pensado e proposto em assembleia da AGB-SP, após a leitura de uma entrevista do professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, na qual ele fazia um balanço da relação entre a geografia e o marxismo. Quando propusemos o dossiê, a ideia era entrevistá-lo para realizar um novo balanço, passados vinte e cinco anos. Embora tenha aceitado o convite, o tempo foi implacável e não foi possível realizar a entrevista. Assim, este dossiê deixa de ser apenas inspirado em suas reflexões para se tornar também uma homenagem póstuma a quem nunca abandonou a radicalidade do marxismo. Dedicamos, portanto, esta edição do Boletim Paulista de Geografia ao prof. Ari, em reconhecimento a tudo o que fez para assegurar a presença e a continuidade do marxismo na geografia, especialmente no interior da própria AGB. Este dossiê representa a afirmação de que a sua luta não foi em vão e de que seu legado seguirá vivo.

Thell Rodrigues e Igor Alencar

São Paulo, 15 de novembro de 2026

Quais foram os erros e os acertos daquele movimento?

Do ponto de vista histórico, é preciso dizer que na raiz desse movimento havia duas perspectivas que eu penso fundamentais. A primeira diz respeito a um processo de política interna da entidade AGB, no sentido da sua efetiva democratização, já que a sociedade brasileira vivia o processo de redemocratização, com o início da própria abertura política. Ao mesmo tempo, do ponto de vista teórico e metodológico, houve a abertura da perspectiva das pesquisas na Geografia sob a ótica marxista.

Assim, esses foram os dois pontos principais. Se foram acertos ou erros, isso depende da contribuição que o conjunto dos que participaram desse processo deixaram. Minha avaliação inicial é de que não se trata de acerto ou erro. A perspectiva marxista na Geografia brasileira é uma realidade, tornou-se uma realidade a partir desse processo, e vem se tornando uma realidade: hoje ela é uma corrente de pensamento que produz conhecimento na Geografia, e conhecimento de qualidade e padrão internacional.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira em entrevista ao Boletim Paulista de Geografia (2008, p. 08).